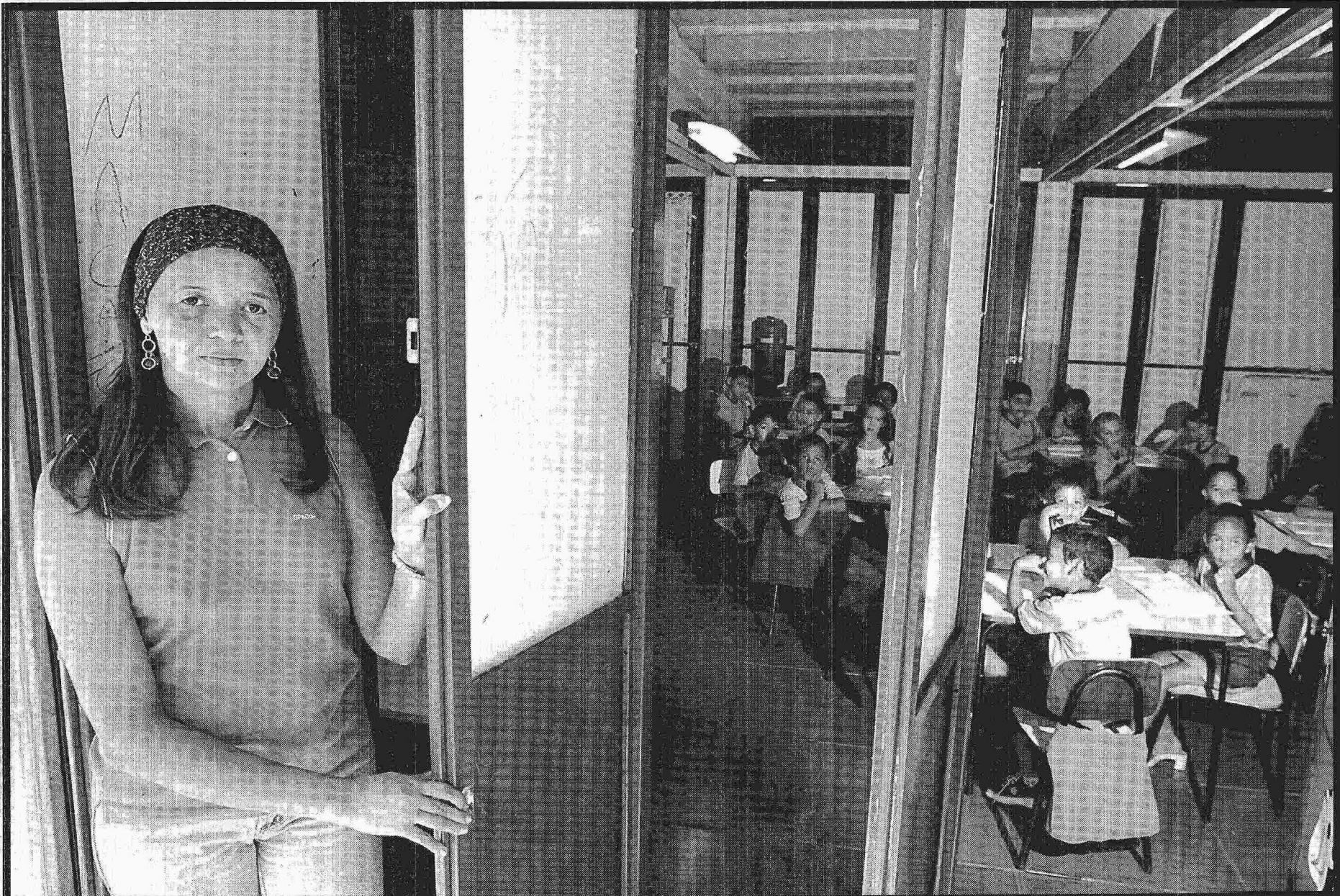


EDUCAÇÃO INTEGRAL

Razões políticas e técnicas decretaram o fim do programa, que nasceu de um acordo entre Collor e Brizola — como revela o ex-ministro Alceni Guerra. Especialistas se dividem em relação à eficácia do método

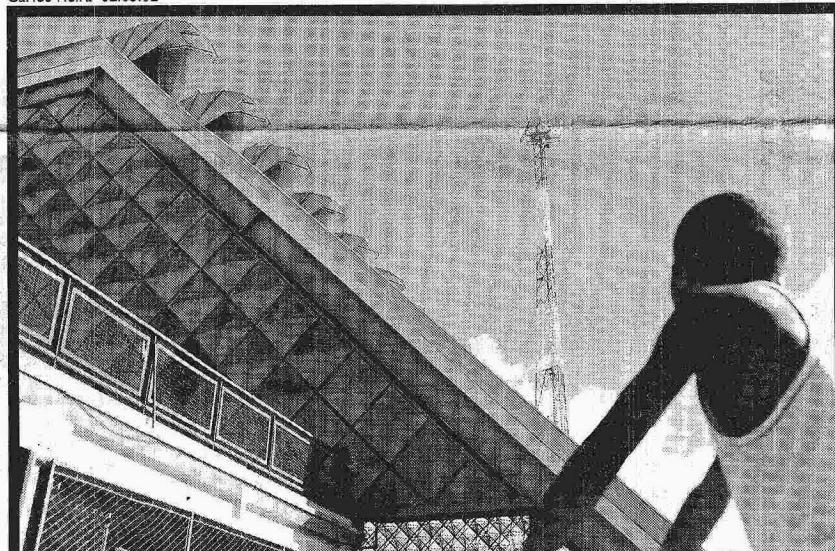
Carlos Moura 03.05.02



ANA MARIA, PROFESSORA DO CAIC ANÍSIO TEIXEIRA, EM CEILÂNDIA, ATÉ HOJE: "TÍNHAMOS 18 TURMAS PARA 12 SALAS DE AULA. PRECISÁVAMOS FAZER RODÍZIO"

Do entusiasmo à decadência

Carlos Vieira 02.05.02



CAIC DE SÃO SEBASTIÃO: ARRECADAMENTO COM ALUGUEL DE ESPAÇO PARA ANTENA

Quando a professora Maria de Jesus Costa Figueiredo, 39 anos, pisou pela primeira vez no Caic Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, no Paranoá, a escola estava cheia de autoridades. O então presidente Fernando Collor, o ministro Alceni Guerra, políticos locais e nacionais estavam inaugurando o primeiro Caic do país, em outubro de 1991. "Lembro bem dessa cena: a escola novinha, toda pintada e decorada", recorda.

Desde então, Maria de Jesus trabalha lá. Acompanhou todas as mudanças que, aos poucos, acabaram com o programa implantado por Collor e Itamar Franco, inspirado em experiência anterior de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. Ela assistiu como o ambicioso projeto — então chamado Centro Integrado de Atenção à Criança (Ciac) — acabou falindo.

Em algumas escolas, como no Caic Anísio Teixeira, em Ceilândia, a enorme procura dos alunos pela proposta da educação integral acabou superlotando o colégio, como recorda a professora Ana Maria Carneiro, de 41 anos, que trabalha no local até hoje. "Tínhamos 18 turmas para 12 salas de aula. Precisávamos fazer rodízio para que nenhuma das turmas ficasse o tempo todo sem quadro-negro e carteira", recorda.

Ela não foi a única a testemunhar o entusiasmo dos primei-

ros meses e o fracasso que se seguiu. "Nos primeiros meses todo mundo se esforça, tudo sai direito. Depois, o pessoal relaxa", lembra a auxiliar de Educação Elvira Cardoso de Assis, de 58 anos, que há dez anos é merendeira do Caic Helena Reis, em Samambaia. A despensa farta do Caic enchia os olhos e a barriga dos meninos. "Tinha o almoço completo, com legumes, frutas, verduras, carne. Depois, tudo voltou ao normal", conta.

ABANDONO

O abandono completo do programa aconteceu por razões políticas e técnicas

(leia quadro ao lado). Em janeiro de 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso extinguiu a secretaria especial do Ministério da Educação que gerenciava sua implementação. Todos os Caics passaram ao domínio dos governos estaduais e municipais. A maioria não manteve a proposta inicial, apenas aproveitou a estrutura física para abrigar alunos no sistema convencional de educação.

O diretor-assistente de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação, Cícero Roberto de Melo, defende, ainda hoje, o sistema implantado nos Caics. "Anísio Teixeira (teórico da Edu-

cação) já dizia que educação não se faz com pouco investimento. É caro mesmo, mas, para fazer a diferença, a solução é o atendimento integral", afirma.

Ele acredita que a manutenção da criança dentro do ambiente escolar e a provisão de cursos extracurriculares é a única ação possível para promover a inclusão social da juventude carente.

Para quem participou da idéia, ainda existe um pouco do sonho do Ciac naqueles prédios esquisitos, que tentam sobreviver ao tempo.

"Ainda que tenham a mesma linha pedagógica das outras escolas, quem trabalhou com o projeto adquiriu essa tendência de se adequar melhor a inovações", acredita a professora Ana Maria.

Entre os especialistas que acompanharam o programa desde o início, há quem acredite que os Caics já foram criados para falir. "O modelo já havia fracassado no Rio de Janeiro e foi adotado pelo governo federal após uma negociação política", disse Elie Ghanem, pedagogo e assessor da organização não-governamental (ONG) Ação Educativa.

"Foi produto de um acordo entre Collor e Brizola", confirma Alceni Guerra, ex-ministro da Saúde e da Criança no governo Collor, responsável pela implementação dos Caics. Brizola era então o governador do Rio de Janeiro. "O presidente precisava dele para realizar a Eco 92, um programa com o qual já tinha se comprometido internacionalmente. E Brizola colocou as suas condições", continua Alceni.

A "condição" era a nacionalização dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), implantados por Brizola no início da década de 80 no Rio de Janeiro. A concretização do acordo foi imediata. "O projeto que ele (Brizola) entregou ao Collor se chamava Projeto de 5 mil Cieps para o Brasil. Eu só troquei o nome para não ter muita reação na base do governo", confessa o ex-ministro, que defende o programa até hoje. Ele implantou o sistema na cidade de Pato Branco (PR), onde foi prefeito.

Os Cieps, com Collor, passaram a se chamar Centros Integrados de Atenção à Criança (Ciacs) — e depois viraram Caics no governo Itamar Franco, depois do *impeachment* de Collor. Segundo Alceni, a falência do modelo se deu, em parte, a razões políticas. "A parceria Collor e Brizola acabou unindo contra os Caics as rejeições que os dois tinham na sociedade", resume.